

Rita-Ferron, Antônia

"Os Azuleiros"

Boletim da Sociedade de Estudos de Recanbique

nº 85 (1954):

INDICE

PRÓLOGO

RESENHA HISTÓRICA

OS "AZIMBA" COMO GRUPO ÉTNICO

Primeira parte

A VIDA DO INDIVÍDUO

Capítulo primeiro

O homem desde o nascimento até à morte

A) Infância:

I — O dia do nascimento.

II — A primeira semana ou período do parto.

III — O período da amamentação.

IV — Dentição.

V — O desmame.

B) Juventude:

I — Guarda de rebanhos e machambas.

II — Roubo.

III — Caça e aquisição da ciência do mato.

IV — Jogos.

C) A Idade da puberdade:

I — Generalidades.

II — A dança do «nhau».

1.º — Considerações sobre o «nhau».

III — Filtros de amor.

IV — Impotência sexual.

VI

D) Casamento

E) A idade madura

F) A velhice

G) Doença e morte:

I — Os últimos dias.

II — O enterro.

III — Designação do sucessor.

IV — Morte em circunstâncias especiais.

Capítulo segundo

A mulher desde o nascimento até à morte

A) Período que antecede o casamento:

I — Nascimento e infância.

II — Escolha da «sankulo» e aprendizagem sexual.

III — A puberdade.

IV — Jogos e danças.

V — Tatuagem.

B) Casamento e vida conjugal:

I — O «chinamúlli».

II — Filtros de amor.

III — Gravidez e parto.

IV — Menstruação.

V — Relações entre marido e mulher.

1.º Casos de recomendação.

2.º Casos de proibição.

VI — Perda de filhos.

VII — Adultério da mulher.

VIII — Divórcio.

C) Viuvez.

D) Velhice e morte.

Segunda parte**VIDA DA FAMÍLIA E DA POVOAÇÃO.****Capítulo primeiro***A vida da familia***A) Termos de parentesco :**

- I — Parentesco pelo sangue.
- II — Parentesco por aliança.

B) Regras matrimoniais.**C) Matriarcado.****D) Poligínia.****Capítulo segundo***A vida da povoação***A) A povoação muzimba.****B) Transferência da povoação.****C) A vida diária da povoação :**

- I — Actividade dos homens.
- II — Actividade das mulheres.
- III — Jogos e danças dos adultos.

D) Regras de etiqueta e de hospitalidade. Fraternidade tribal.**Terceira parte****A VIDA NACIONAL****A) A Nação.****B) Antiga organização militar.****C) Antiga organização tributária.****D) O clan.****E) Escolha do chefe e sucessão.****F) O Tribunal.**

Quarta parte

A VIDA AGRÍCOLA E INDUSTRIAL

Capítulo primeiro

A vida agrícola

- A) Conceito de propriedade.
- B) Produtos do solo.
- C) Costumes relativos à vida agrícola.
 - I — O ano agrícola.
 - II — Taboos relativos à vida agrícola.
- D) Preparação de comidas, bebidas e excitantes:
 - I — O fogo e o sal.
 - II — Comidas.
 - III — Bebidas.
 - IV — Estupefacientes.
- E) Caça e pesca:
 - I — Caça grossa.
 - II — Carne de pequenos animais.
 - III — Pesca.

Capítulo segundo

A indústria

- A) Vestuário e adornos.
- B) Habitação.
- C) Utensílios:
 - I — Olaria.
 - II — Cestaria.
 - III — Indústria molenária.
 - IV — Escultura.
 - V — Indústria metalúrgica e outras.

Quinta parte**VIDA LITERÁRIA E ARTÍSTICA****Capítulo primeiro***Caracteres de intelecto*

- A) O nome e a faculdade de classificação.
- B) O verbo e a faculdade de combinação.
- C) A numeração, contagem do dinheiro e do tempo.
- D) Sentido da cor.
- E) Sentido geométrico.

Capítulo segundo*O folclore*

- A) Os provérbios.
- B) Os cantos.
- C) Os contos.
- D) A música.
- E) Artes gráficas.

Sexta parte**VIDA RELIGIOSA E SUPERSTIÇÕES****Capítulo primeiro***Ideias sobre a natureza e sobre o homem***A) Ideias sobre a natureza :**

I – O mundo celeste.

II – Fenómenos cosmográficos e meteorológicos.

1.º O vento. -

2.º Abalos sísmicos e arco íris.

3.º O relâmpago e o raio.

4.º A chuva.

X

B) Ideias sobre o ser humano :

- I — O corpo humano.
- II — A alma humana.
- III — Manifestações do além.

Capítulo segundo

Religiões

A) Ancestraltria :

- I — Os antepassados deuses.
- II — Oferendas.
- III — Características da ancestraltria.

B) A ideia de Deus.

Capítulo terceiro

A magia

A) Arte médica e magia branca :

- I — Práticas curativas.
- II — Superstições relativas às doenças.

B) Possessões :

- I — Espíritos benígnos.
 - 1.º O oráculo de Messindja.
 - 2.º Possessos com o espírito do leão.
 - 3.º Possessas com o espírito da giboia.
 - 4.º Possessas com o espírito da «nhazalumbo».
 - 5.º Outros possessos.
- II — Espíritos malignos.

C) Feitiçaria.

D) Adivinhação :

- I — Os presságios.
- II — Os adivinhos.

BIBLIOGRAFIA.



TODO
O HOMEM
VÁLIDO
E COM EMPREGO

Deve economizar, todos os meses,
pouco que seja, para melhorar as
condições de vida futura, quando a
idade avança e as forças faltam...

As Pequenas Economias

**MULTPLICAM-SE, COMO POR MILA-
GRE, EMPREGANDO-AS EM UM
SEGURO DE VIDA BEM ESCOLHIDO**

DA

“NAUTICUS”

A GRANDE COMPANHIA DE SEGUROS,
CONHECIDA HOJE EM TODA A EUROPA
COMO UM EXEMPLO A SEGUIR

SEDE:

Avenida da República,
n.º 49-1.º

Telefones } 2095
 } e
 } 2099

Caixa Postal 696

End. Telegráfico:

“SEGUROS”

Lourenço Marques

DELEGAÇÕES:

Portugal Continental:

Lisboa — R. do Comércio, 31-2.º

Província de Angola:

Luanda — R. Direita de Luanda, 30-2.º

Província de Moçambique:

Manica e Sofala:

Beira — C. Postal 736

Zambézia:

Quelimane — C. Postal 3

Niassa:

Nampula — C. Postal 7

AGENTES:

Vila de João Belo — C. Postal 74

Magude

Inhambane — C. Postal 74

Chinde

Os Azimba não fogem à regra e, desta arte, distinguem apenas as seguintes cores:

- «choera» — branco, claro;
- «chotunduíra» — amarelo, pardo;
- «chofuíra» — vermelho, púrpura, dourado, alaranjado;
- «chacuda» — azul, cinzento, preto;
- «massamba andimo» — verde.

Acidentalmente registamos a semelhança entre o nome da côr do ouro, «chofuíra», com o do lendário país de Ofir. Este facto tem servido aos historiadores para fundamentar a hipótese segundo a qual o fabuloso país se situaria na costa oriental africana. A libra ouro chamava-se “bondo ofira”.

E — Sentido geométrico

O Dr. Ombredane, professor da Universidade de Bruxelas, num pequeno mas interessante estudo (23), conclui que os negros, pela construção das suas habitações, revelam possuir a noção da linha recta, vertical e horizontal, a noção de ângulo recto e de rectângulo, a noção de paralelismo entre duas rectas, de simetria e de pirâmide. A falta de preparação métrica é evidente; nenhum instrumento de medida é usado, nenhuma verificação é efectuada, o trabalho é feito “a olho”, com material não preparado antecipadamente e, enfim, há falta de coordenação entre os diversos trabalhadores empregados.

A palhota rectangular a que se refere o trabalho do Dr. Ombredane, muito embora seja também usada pelos Azimba, pertence a um ciclo evolutivo mais recente do que aquele que é caracterizado pela palhota circular, no qual aqueles se encontram.

Adoptando critério semelhante ao do estudo supracitado, pode afirmar-se que, pela construção da palhota circular, os Azimba mostram possuir mais a noção de circunferência, de cilindro e de cone, além das noções geométricas já expostas, reveladas pela construção das palhotas rectangulares.

Capítulo segundo

O FOLCLORE

Vamos referir-nos aos três ramos do folclore que melhor contribuição dão para estudar a mentalidade dum povo primitivo como o Azimba, isto é, aos provérbios, aos cantos e finalmente a esses inúmeros contos que narram as proezas de pequenos animais astutos, contos que demonstram fértil imaginação e fina observação.

A -- Os provérbios

Os provérbios são em grande quantidade e procuram incitar o individuo a ser prudente, sóbrio, trabalhador ou então a justificar certas atitudes perante os problemas da existência. Como acontece com os europeus, provérbios diferentes servem para justificar determinada acção e a diametralmente oposta. A elasticidade dos provérbios dá deste modo um sentimento de segurança por ocasião da controvérsia.

Eis alguns que pudémos compilar:

«Kambalame kunenepa kuzissozera» — O passarinho para engordar deve procurar alimento.

Aplica-se para prevenir os preguiçosos de que é necessário trabalhar para não passar fome.

«Muana uangona die ali panchira» — O filho do crocodilo é aquele que lhe segue na cauda.

Aplica-se para admoestar os filhos que não ouvem os conselhos dos pais. A comparação é interessante pois os pequenos crocodilos, para se não perderem, seguem sempre no encalço da mãe.

«Goma kupota manhanga kuanda buto zakutáua» — A «goma» (espécie de antilope), para ter os chifres compridos anda por muitos lugares.

Emprega-se para justificar a atitude dos homens prudentes

que, para viverem longos anos, procuram evitar os locais perigosos e onde podem surgir complicações.

«Uta bua akuko bunirassa bunagona» — A seta do grande fere ainda que ele durma.

«Sindi kuimba kuona m'pako» — O esquilo canta quando vê o buraco.

Usa-se em relação aos indivíduos tagarelas, vaidosos e medíocres, mas que gozam da protecção de parentes poderosos.

«Uatamanguira kumeza kudia kutafuna kukadakoma» — Apressa-te a comer enquanto a comida te for agradável.

Goza o momento que passa, porque o futuro é incerto.

«N'kuindjiri kulirankukala ziuiri» — A pulseira só tilinta se estiver acompanhada.

Corresponde ao nosso «A união faz a força».

«Fôdia n'dio iri pampuno, iri nhumba n'dja sabutra» — O rapé que tenho está no nariz, o que está em casa é do coveiro.

«Mais vale um pássaro na mão, do que dois a voar».

«Nhoca intomera ku m'solo» — A cobra começa a andar pela cabeça.

Justifica a necessidade de um chefe em todos os agrupamentos.

«Ualira m'vula, ualira matope» — Quem quer chuva, quer lama.

Corresponde ao nosso «Não esperes sol na eira e chuva na leira».

«Uakuekuelta t'samba, uakuekueta minhala» — Quem arrasta folhas, arrasta pedras.

Emprega-se, por exemplo, para fazer ver àquele que casa como é inconveniente que o outro consorte se faça acompanhar de grande número de parentes.

«Paribe m'sasso uakupera n'isuaia» — Não há archote que apanhe muchém.

Corresponde ao nosso «Não é com vinagre que se apanham moscas».

«Uakusaia mano leka kusuera andzaco prre» — O que não tem dentes não quebre a panela.

Alude aos indivíduos que insistem em levar a cabo determinada empresa, para que manifestamente não têm capacidade.

"Nhamandja maviri sanipsa na nhemba" — Quem tem duas mãos, não se queima com feijões.

Ao cauteloso não acontecem imprevistos.

"Chamanika m'tali m'fupi sunchimanula" — Ao objecto pendurado por pessoa alta, não chega a baixa.

Não pretendas aquilo que não podes alcançar.

"M'solo ua m'peni pata uaku" — Quando rebenta o raio, salva-te a ti.

"Teká-Teká sanirobza kuaché m'kuvuta manungo" — Quem trabalha muito não empobrece, mas fatiga o corpo.

"M'puai n'soka" — Quem é preguiçoso empobrece.

B — Os cantos

O muzimba também sabe exprimir com cânticos (que de resto não passam de prosa adaptada ao ritmo musical) os sentimentos e as emoções que lhe vão na alma. Conhece o género satírico, o dramático, cantos de caça, etc.

Os cantos satíricos revelam certo sentido de humor e são geralmente pronunciados no decurso das festas, perante os próprios visados. Os nomes nunca são citados, muito embora todos os presentes, incluindo o atingido, saibam a quem o cantor pretende referir-se. Não dão origem a disputas, sendo, pelo contrário, recebidos com geral hilaridade.

Vejamos alguns exemplos de poesia satírica:

Eis o queixume dum amoroso que foi repudiado:

«Mucanicana, iéai!

Mucanicana, iéai!

Mucanicana ninhiera munkale,

Muone komué mupiquire!»

Desprezaste-me, ai!

Desprezaste-me, ai!

Desprezaste-me, vou-te ... na panela,

Quero ver onde irás cozinhar!

Eis dois lamentos da mulher que ambiciona ter filhos e cujo marido carece de capacidade genésica:

«Ine dikumbira muana, tate!
Nhumba ia chimbuira!»

Desejo ter um filho, pai!
Esta casa é de um impotente!

«Uamunáva nitchissiro!
— Tiene mukonde, nhumba uanitaza mulikaluma!
Tiene mukonde uatazanso,
Uamunáva nitchissiro!»

Este homem não presta!
(E imitando a argumentação do marido)
— «Vamos para a varanda, sinto calor, nada consigo fazer»

Mas na varanda também nada consegui,
Este homem não presta!

Eis uma sogra que se queixa do genro preguiçoso e comilão:

«Kankumueneaga kangati cadia kakuta dihique mukute!
kuguirá mepiniu!»

O meu genro pode comer até ficar saciado,
Agarra na enxada!

O dono da povoação saturado das intrigas de um dos habitantes, lamenta-se:

«Kan'muto aga kuiankula kuipa
Katenga zapa muzi panga pano
Na acauzanso uamudzi uina
Tiene tikachosse!»

Este rapazinho procede mal,
Abandona a minha povoação,
E vai intrigar noutra casa,
Vamos expulsá-lo!

• Eis alguns exemplos de cânticos dramáticos. A família lamenta a morte de um dos seus:

«Tchumpai, chiúta uakuona!»

Desgraça, Deus viu-te!

«Katenfiti ialákua!

Alakando kupa iné,

Nitchiuala

Niunquira pabodzi nimbale!»

Se é feiticeiro (a causa da morte), fez mal!

Era preferível matar-me a mim,

Para esquecer,

Partir junto com o meu parente!

«M'fititizi mongo kuzipassa môa

Ziriche maririka!»

Os feiticeiros, mesmo que se lhes dê pombe,

Não têm pena!

Por vezes o filho revela sentimentos pouco filiais e os pais, nos seus cantos, queixam-se da sua dureza:

«Muana iué, nondo kukuona

Kampene kafunga

Máua uzapaíne.»

Tu, meu filho, estou a ver-te!

Neste momento tens a faca embainhada,

Mas mais tarde vais-me matar!

Eis agora dois cantos em que o genro se queixa do desprezo a que é votado pelos sogros:

«Udumbatene ukakala mukomuíne?

Umakala n'gati sukunva!»

Como pode o genro viver assim?

Fico como surdo!

«Iné dikakala panò sandiessa muntu!
Dunque kuato kakale m'fumu!»

Quando aqui vivo ninguém me considera gente,
Vou para onde estão os meus para ser grande.

Os cantos de caça são em número muito elevado.

Eis uma melopeia que entoa o caçador triunfante, sobre a
peça que abateu:

«Passene tunkune
Tiotchere nhama!»

Dá-me lenha,
Para assar a carne!

Agora o caçador queixa-se de uma mulher que o aborrece
com falatório inconsiderado, receando que os «mizimo» afu-
gentem a caça:

«M'kuanje kuiankula?
Na achembere adzandissonguere ula!»

Para que falas tanto?
Afugentas a caça e terei que procurar feitiços!

Eis um dueto cantado na povoação quando se festeja o
abate de uma peça de grande porte:

O caçador: «Apa okuti chuámbua!»
Côro: «Nimako uanipassa unga?»

Dá-me os pulmões!
Foi sua mãe quem me deu a pólvora?

C — Os contos

Como entre os restantes povos bantos, os contos gozam de
imensa popularidade. Raro é o muzimba que não conhece um
ou mais contos, muito embora se encontrem certos narrado-
res de repertório variado, que são ouvidos com particular de-
leite.

As personagens são geralmente animais, sendo os heróis
das narrativas os mais fracos, que, por meio de ságuas ardis,

conseguem derrotar os fortes e poderosos. Outros contos procuram transmitir ensinamentos morais ou de conduta.

O valor filosófico e moral destes contos tem sido sobejamente posto em evidência pelos etnólogos. Exprimindo o triunfo da astúcia sobre a força bruta, o povo humilde procura manifestar os seus mais íntimos anseios perante as prepotências dos poderosos.

Daremos seguidamente apenas alguns exemplos, retirados do imenso folclore contista dos Azimba.

O coelho e o gato bravo

Encontrando-se o coelho e o gato bravo, de momento, nas melhores relações de amizade, o primeiro convidou o outro a acompanhá-lo a certa povoação, onde se realizava uma festa.

Os festejantes desconheciam o gato bravo, mas de bom grado o acolheram, por se encontrar na companhia do popular coelho. Limitaram-se a perguntar qual o nome por que acudia. O coelho, decidido simultaneamente a pôr os habitantes da povoação de sobreaviso contra o companheiro e a conservar a amizade do felino, respondeu que dava pelo nome de «muanandane» (não sejam crianças)!

Porém a astúcia do coelho não foi compreendida e os assistentes, satisfeita a curiosidade, voltaram às libações. É claro que o gato bravo, logo que os encontrou suficientemente embriagados, abocanhou uma galinha e pôs-se em fuga.

Interrogado pelos assistentes, já desanuviados e cientes da patifaria do felino, retorquiu o coelho: «Não vos avisei? Não vos disse que não fôsseis crianças?»

O cágado e a gazela

Apostaram o cágado e a gazela, qual dos dois seria melhor corredor, impondo contudo o primeiro, como condição, que a competição se iniciasse no dia seguinte e que tivesse lugar em caminho aberto.

Aceites pela gazela tais condições, dirigiu-se o quelónio a vários amigos, com quem combinou que cada qual se colocasse no caminho, a intervalos regulares.

Iniciada a corrida, a atónita gazela deparava com o cágado,

de onde em onde, que lhe perguntava irõnicamente: «Então amiga, vamos ou não vamos»?

Atingida a meta, o finório, que não tinha saído do mesmo lugar, bem chasqueou a ofegante gazela!

A hiena e a «goma» (grande antilope)

A hiena foi propor à «goma» um pacto de amizade, pacto que a ingénua aceitou de bom grado.

Confiando na palavra da hiena, pediu-lhe que tomasse conta de um filho, enquanto dava um passeio.

Escusado será dizer que a traiçoeira, logo que a «goma» voltou costas, tratou de lhe devorar o filho, dizendo: «Não sou teu pai, os meus filhos são outros».

E a pobre mãe, quando lhe pediu satisfações, retorquiu desabridamente: «Não sou pastor do teu filho. Comi-o. A nossa amizade está terminada».

(Note-se a semelhança entre este conto indígena e a conhecida fábula).

O zângão, o javali e o porco do mato

O javali e o porco do mato nutriam entre si grande amizade, e isto enraivecía o zângão que pretendia sózinho disfrutar da afeição do segundo.

Não conseguindo que o porco esquecesse o companheiro, decidiu torná-los inimigos. Começou a zumbir, ostensivamente, ao redor do javali, simulando que trocavam confidências, e terminou por exclamar: «Nada digas ao porco». Em relação ao outro repetiu a mesma operação.

Em face desta atitude suspeitou cada um dos suínos que estava sendo vítima da maledicência do outro, o que provocou a ruptura das longas relações de amizade que mantinham.

O zângão, atingido o seu objectivo, não perdeu a oportunidade para fazer notar ao porco o que perdera por o não preferir ao javardo!

O coelho, o elefante e o hipopótamo

Propôs o coelho ao elefante para se tornarem antigos e allados, mas o paquiderme zombou da pretensão do outro afir-

mando: «Sou forte e poderoso, não te quero como amigo e aliado porque és fraco e de nada vales».

O coelho, ofendido, fez-lhe notar que não era tão fraco como o outro supunha, o que poderiam verificar por uma luta de tracção.

O elefante, rindo-se da estulticia do coelho, aceitou a competição e a condição que este impôs foi de ser usada uma corda de grande comprimento.

Obtida deste modo a aquiescência do paquidermé, dirigiu-se o coelho ao hipopótamo, a quem fez idênticas propostas de amizade. Tendo sido repellido, convidou o cavalo-marinho para idêntica luta, afirmando-lhe que o venceria.

No dia marcado para a competição, o ladino amarrou os dois brutamontes com a mesma corda e deixou-os lutarem a sós, enquanto ria a bom rir. Mas as forças equiparavam-se até que fatigados desistiram, facto que o nosso coelho aproveitou para zombar de ambos, que tanto o tinham menosprezado.

D — Música

Além da flauta de bambú denominada «chionje» ou «mulumué», usada de ordinário pelos pequenos pastores, nenhuns outros instrumentos de sopro são conhecidos ente os Azimba.

No domínio dos instrumentos de corda temos a considerar os seguintes:

«*Kaligo*» — Trata-se de uma harpa unicórdia, constituida por uma vara curvada em arco, cujas extremidades são ligadas por um fio ou arame fino. O arco tem numa das extremidades, servindo de caixa de ressonância, uma cabaça. O tocador sustenta o «kaligo» no braço esquerdo, à medida que percute a corda com a mão direita, servindo-se de um pedaço de bambú;

«*Zeze*» — Espécie de violão com 4 ou 5 cordas e caixa de ressonância;

«*Pangué*» — Semelhante ao anterior, mas com 7 cordas;

«*Mukangala*» — Constituído por uma vara flexível, cujas extremidades são unidas por um fio. Aloja-se entre os dentes, servindo a cavidade local, como caixa de ressonância e percucendo-se a corda a dedo.

Como instrumentos de percussão temos os seguintes tambores:

«*Balule*» — Grande tambor usado nas danças “chiterere” “kachoé” e “chamba”;

«*Mepange*» — Usado para acompanhamento do “balule”, não se usando só;

«*Gunda*» — Usado também para acompanhar o “balule”, não servindo só;

«*Tetete*» — Para acompanhamento dos três antecedentes, podendo no entanto ser tocado em separado;

«*Chibumbule*» — Usado na dança do mesmo nome pendurado ao pescoço. O dançarino percute-o com ambas as mãos, ao mesmo tempo que executa os seus movimentos;

«*Chimussita*» — Pequeno tambor, com pele de ambos os lados, usado sobretudo pelas mulheres, nas suas danças próprias.

Como se vê o instrumental muzimba é bastante reduzido, ignorando inclusivamente o instrumento de teclas de madeiras conhecido no sul de Moçambique pelo nome de “marimba”, e que parece ser próprio de culturas mais avançadas e posterior à flauta e ao tambor.

Tal penúria não quer contudo dizer que o muzimba não adore a dança e a música como meio de libertação das preocupações habituais. Procura suprir o uso dos instrumentos pela voz e por meio de palmas acompanhando os cantos.

E — Artes gráficas

Não se conhecem entre os Azimba manifestações dignas de nota, da arte dessinatória. As pinturas rupestres que aparecem com frequência nas cavernas da região, não são de origem muzimba.

Em vazilhas e outros utensílios aparecem motivos ornamentais de carácter rectilíneo.

Sexta parte

VIDA RELIGIOSA E SUPERSTIÇÕES

Capítulo primeiro

Ideias sobre a natureza e o homem

A — Ideias sobre a natureza

I — O mundo celeste

Supõem os Azimba que o céu é constituído por um hemisfério côncavo, sólido, que no horizonte assenta sobre a terra. A linha de intersecção denomina-se «kupompo». Não dão qualquer explicação sobre e como em tal abóbada se suspendem planetas e estrélas.

O sol, «djua», não é objecto de adoração, nem há qualquer sistema mitológico que explique o seu movimento aparente. Há apenas um sol que, cotidiana e inexplicavelmente, se afunda na terra e surge do lado oposto, terminada a noite.

As divisões do dia, que se denomina «siko», são: «manika» (aurora), «kumaua» (manhã), «messaná» (meio dia), «mahulo» (tarde) e «kumadzolo» (pôr do sol). A seguir vem a noite, «ussiko».

Embora tenham uma designação para os eclipses do Sol, «ussiko bua messana», não lhe dão qualquer explicação mitológica. São invenções de Deus: «mamini-ia Mulungo».

O ano, «gole», considera-se iniciado no tempo da sementeira e é dividido em três estações: «chirimo» desde Setembro até às primeiras chuvas, época em que não há frio nem chuva), «mezinja» ou «mainza» (época das chuvas que geralmente se prologam de Novembro a Março), «m'pepo» (de Abril a Agosto, época em que não há chuva, mas faz frio).

A Lua também não é adorada. Tanto este satélite como o luar são conhecidos pela designação genérica de «mwezi».

Kombeza na nhanga — Um pequeno chifre de antílope, em cujo interior o adivinho colocou o seu medicamento mágico, gira num fio que se estica entre os dedos de um dos pés e uma das mãos. A inquirição é idêntica à do método anterior.

Kombeza ualabuambale — Utiliza-se um cesto com a boca assente no solo. Sobre o seu fundo coloca-se um destes pratos de madeira com que se cobrem as vasilhas, denominados «bale», prato que se enche com água, na qual flutua certa raiz de propriedades mágicas. O adivinho circula à volta do cesto e o prato roda por si só. Quando pronuncia o nome do «muzimo» a propiciar, o prato estaca, deixa de poder mover-se, nem mesmo se pode levantar.

Kombeza uã kakata — Utilizam-se seis metades dos tegumentos das sementes de certos frutos. Os tegumentos são lançados ao chão e os adivinhos extraem conclusões da posição em que ficam.

BIBLIOGRAFIA

- (1) — Frei João dos Santos — «Etiópia Oriental».
- (2) — Gen. J. J. Telxela Botelho — «História Militar e Política dos Portugueses em Moçambique».
- (3) — Maj. A. C. Pedroso Gamito — «O Muata Cazembe e os povos Maraves, Chevas, Muizas, Muembas, Lundas e outros da África austral.»
- (4) — Dr. Sousa Ribeiro — «Anuário de Moçambique».
- (5) — Édouard Foà — «La traversée de l'Afrique du Zambeze au Congo Français».
- (6) — Edouard Foà — «Du Cap au Lac Nyassa».
- (7) — J. C. Zamora — «O Processo Histórico».
- (8) — Prof. M. Haberlandt — «Etnografia».
- (9) — Ten. Cor. P. A. de Sousa e Silva — «Distrito de Tete (Alta Zambézia) — Características, História, Fomento».
- (10) — A. A. Pereira Cabral — «Raças, usos e costumes dos indígenas da Província de Moçambique».
- (11) — Prof. J. R. dos Santos Júnior — «Contribuição para o Estudo da Antropologia de Moçambique — Algumas tribos do Distrito de Tete».
- (12) — Henrique A. Junod — «Usos e Costumes dos Bantos — A vida duma tribo sul-africana».
- (13) — D. P. de Pedrals — «La vie Sexuelle en Afrique Noire».
- (14) — Lucien Lévy-Bruhl — «La Mentalité Primitive».
- (15) — Dr. J. Gonçalves Cota — «Projecto Definitivo do Código Penal dos Indígenas da Colónia de Moçambique».

- (16) — O. Mamoni — *Psychologie de la Colonisation*.
- (17) — Dr. J. Gonçalves Cota — *«Mitologia e Direito Consuetudinário dos Indígenas de Moçambique»*.
- (18) — Prof. E. Willems — *«Dicionário de Sociologia» (bras.)*.
- (19) — G. Frazer — *«O Totemismo»*.
- (20) — F. Tôrres — *«Religiões Primitivas»*.
- (21) — Félicien Challaye — *«Histoire de la Propriété»*.
- (22) — Pe. V. José Courtois — *«Elementos de Gramática Tetense»*.
- (23) — Dr. André Ombredane — *«Les Techniques de Fortune dans le Travail Coutumier des Noirs»*.
- (24) — G. Balandier — *«Où l'ethnologie retrouve l'unité de l'homme» — Esprit, Abril, 1950.*
- (25) — Félicien Challaye — *«Petite Histoire des Grandes Religions»*.
- (26) — J. I. Roquete e J. da Fonseca — *«Dicionário dos Sinónimos»*.
- (27) — Dr. J. Gonçalves Cota — *«Projecto Definitivo do Estatuto do Direito Privado dos Indígenas»*.
- (28) — M. Simões Alberto — *«Elementos de Antropologia Geral, Etnografia e Etnologia»*.
- (29) — Lopo Vaz de Sampaio e Mello — *«Etnografia e Etnologia Coloniais»*.
- (30) — H. Webster — *«La Magie dans les Sociétés Primitives»*.
- (31) — Lucien Lévy-Bruhl — *«L'expérience Mystique et les Symboles chez les Primitifs»*.
- (32) — Filipe Gastão de Almeida de Eça — *«Lacerda e Almeida-Escravo do Dever e Martir da Ciência»*.
- (33) — O. E. Brien — *«Les Sociétés Secrètes de Mystères»*.
- (34) — Maurice Delafosse — *«L'Âme nègre»*.
- (35) — Mircea Eliade — *«Le Chamanisme et les Techniques Archaïques de l'extase»*.
- (36) — Christiane Garnier et Jean Fralon — *«Le Fétichisme en Afrique Noire»*.
- (37) — Edward Westermarck — *«Histoire du Mariage» (6 vol.)*.

- (38) — B. Mainowski — «La Sexualité et sa Répression dans les Sociétés Primitives».
- (39) — Lewis Morgan — «Systems of Consanguinity and Affinity of the Human Family».
- (40) — A. Van Gennep — «Rites de Passage».
- (41) — J. A. Barnes — «The Fort Jameson Ngoni».
- (42) — Poole — «Date of the Crossing of the Zambezi».
- (43) — Dr. Lacerda e Almeida — «Travessia de África».
- (44) — Relatórios da Companhia de Zambézia — 1893 a 1903.
- (45) — Relatórios do Governo do Distrito de Tete — 1906 a 1912.
- (46) — Relatório da Expedição Portuguesa a M'Pesene (1889) — Carlos Wiese.
-